

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº146 - MAIO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

146



FLÁVIO DUTKA

A LINGUAGEM FEMININA EM FERNANDO SABINO

Maria Enísia Soares de Souza



Maria Enísia Soares de Souza

Aluna do Mestrado em Linguística - UFRO
soares@rolimnet.com.br

A LINGUAGEM FEMININA EM FERNANDO SABINO

Antes de iniciar as análises propriamente ditas, quero registrar um breve esboço das obras “A nudez da verdade” e “O outro gume da faca”. A primeira relata o episódio de um homem que corre nu pelas ruas da cidade, causando espanto, escândalo e muita confusão. A segunda narra a história de alguém intencionado em descobrir a verdade sobre o comportamento de sua mulher, e, mesmo sem planejar, comete um crime, sobre o qual tem álibi e as evidências recaem sobre o seu filho, do primeiro casamento.

A definição da forma masculina, como norma, mostra que o uso feminino é considerado um desvio desse padrão. Entretanto, nesta análise, não terei preocupação feminista nem machista, quero apenas focalizar o discurso das mulheres, utilizado por um homem – o escritor Fernando Sabino – na posição de um eu-feminino. É praticamente o emprego de palavras de alguém, com o sentido habitual. No caso, o sentido que as mulheres dariam, se incorporassem o papel de personagens. Para “fazer-se mulher” o poeta precisou compreender o universo lingüístico das mulheres, para, de forma indireta, tornar-se uma delas.

Sobre o discurso indireto, Frege (1978) faz uma reflexão associando-o ao sentido.

"(...) No discurso indireto, fala-se, digamos, do sentido das palavras de outrem. Fica, pois, claro que também neste discurso as palavras não têm suas referências costumeiras, mas referem-se o que habitualmente é seu sentido. De modo mais sucinto, diremos que no discurso indireto as palavras são usadas indiretamente, ou têm sua referência indireta, e o seu sentido costumeiro de seu sentido indireto. A referência indireta de uma palavra é, pois, seu sentido costumeiro. Tais exceções devem ser lembradas, se deseja compreender corretamente, para cada caso particular, o modo de conexão entre sinal, sentido e referência" (p. 64).

Tentarei compreender o sentido indireto das palavras de Sabino, através do sentido costumeiro.

Ao “desfilar” como mulheres na suas obras, agir, comunicar-se com outras pessoas, Fernando Sabino teve de construir uma identidade para todas elas. D. Mirtes, por exemplo, era uma senhora, a secretária do escritório dos advogados Aldo Tolentino e Marco Túlio. Toda as vezes que ela se dirigia a um dos dois, empregava formas de tratamento e expressões próprias da língua formal. “Dr. Marco Túlio pediu que o senhor falasse com ele assim que chegasse” (Sabino, 2000, p. 9).

Naturalmente que a linguagem é adaptada pelo falante à situação do discurso. As palavras doutor e senhor se explicam pelo ambiente e pela relação que tem a secretária com os advogados, seus patrões.

É oportuna a citação de Mikhail Bakhtin (1999) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: “... a forma lingüística se apresenta aos locutores no contexto de enumerações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso” (p. 95).

O contexto das enunciações idealizado pelo homem se fundamenta num sistema de normas sociais. D. Mirtes ao dirigir-se aos advogados do escritório, seus superiores, seus chefes, não por acaso, age assim. É que assim está regida sua consciência subjetiva. Essas normas coletivas (morais, jurídicas, estéticas) diferentes de grupo para grupo, variam também o grau de significação, impulsionado pelo conjunto de agentes contextuais, na situação discursiva.

Observe-se uma outra personagem da mesma obra – “O outro gume da faca” – Maria Lúcia¹, até então, mulher rigorosa, que não admitia palavrões, e, diante de uma observação do marido sobre um pormenor do jantar, dirige-se a ele com uma resposta extremamente inesperada, se é que se pode dizer isso: “ – Ora Aldo, vá à merda” (Sabino, 2000, p. 14).

Essa enunciação, figurando no contexto em que ocorreu, é uma demonstração do uso subjetivo da língua, não convencional em situações formais, e torna-se, como defende Bakhtin, um signo adequado às condições de uma situação concreta dada.

Foi através do comportamento lingüístico de Maria Lúcia que Aldo Tolentino percebeu que havia algo “errado”, diferente, com a esposa. Em dez anos de casamento, nada semelhante acontecera.

A concreta situação em que se deu a forma lingüística, enunciada pela mulher, pode ser entendida à luz das teorias bakhtinianas. *“A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. Para se separar abstratamente a língua de seu conteúdo ideológico ou vivencial, é preciso elaborar procedimentos particulares não condicionados pelas motivações da consciência do locutor” (p. 96). “... o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido de enunciação da fala)” (p. 92).*

O discurso feminino, nas obras de Fernando Sabino, é um discurso de outrem. Pode-se dizer que “é o discurso citado, é o discurso no discurso”. Claro que quando me refiro a discurso citado, o leitor pode se perguntar: Como? Se é o próprio Sabino que cria as personagens? Acontece que a enunciação de outra pessoa, nesse caso as mulheres, consiste numa demonstração de que o escritor está se “travestindo” de mulheres, fazendo-se uma delas, nas mais diferentes situações de discurso.

Ao passar para o contexto narrativo indireto, “Eu xinguei você?!”; (frase dita por Maria Lúcia, quando o marido observou que ela o havia xingado) perderia um pouco da expressividade, pois a indiferença, o espanto presentes, ou melhor, marcados na pontuação e a sugestão melódica desapareceriam na voz do narrador.

O diálogo após o jantar entre marido e mulher caracteriza o que Bakhtin chama de interação de enunciações, é a constante recepção ativa do discurso de outrem, de fundamental importância para o diálogo.

Penso que Fernando Sabino, ao usar o discurso feminino, esteja experimentando a enunciação de outrem na sua consciência. É ainda, esse exemplo, o uso das múltiplas consciências que tem o escritor. É também uma comprovação de que a linguagem não é meramente individual, mas social.

¹ Esposa de Aldo Tolentino, este, advogado, no mesmo escritório de Marco Túlio.

As noções sugeridas pela linguagem do sujeito podem denunciar opressão ou repressão. No exemplo que estamos discutindo pode ser um caso desse tipo, já que ao enunciar "... vá à merda", há um indício de repressão. O discurso derogatório de Maria Lúcia, naquele dado cenário, traz a idéia de que há algo que foge do "script". Ali quem mandava, quem sabia das coisas era ela.

A teoria defendida por Spender Lin Coulthard (p. 66 e 67), é a que a linguagem é criação dos homens, a linguagem é uma forma de subjugar as mulheres, e que as mulheres não conseguem expressar os seus próprios significados porque são dominadas pelos homens, parece, senão anular-se, pelo menos ficar estremeçada com essa enunciação.

Se a linguagem condiciona e restringe o que as pessoas pensam, não há dúvidas que naquele momento, o que a esposa queria era que o marido realmente fosse à merda. Naturalmente que no sentido figurado, "merda" aqui no sentido de desaparecer, "circular". Sem nada a ver com eufemismo.

Passo a discutir um outro discurso ocorrido no dia seguinte ao jantar. Aldo Tolentino vai ao escritório avisar D. Mirtes que vai ao foro, no entanto vai ao escritório e fecha-se no seu escritório particular. Fica praticamente o dia todo, até que, à tarde, sua esposa recebe um telefonema. Era de Marco Túlio. No meio da conversa ela menciona que: *"Não, ele nem sonha. Vai morrer sem saber. Mas mesmo assim, meu amor, não quero mais voltar àquele lugar não. É muito deprimente. Tenho medo"* (p. 23).

Nessa passagem confirma-se que há muitas diferenças de linguagem e de estilo interativo entre as mulheres e os homens. Embora haja aí uma situação ameaçadora também por Marco Túlio e, ele se utiliza de um mesmo estilo. "Você não vai querer que eu te leve a um motel". "Isso é que é perigoso" (Sabino, 2000, p. 23). "Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto" (Bakhtin, 1999, p. 146).

Bakhtin recomenda que se deve levar o contexto em conta, todas as características da situação de transmissão, suas finalidades, enfiam tudo aquilo que contribui para a situação comunicativa. Para ele, o que menos importa, numa situação comunicativa é a palavra.

A enunciação "Isso sim é que é perigoso" é representativa de uma situação em que o falante se vê ameaçado, caso vá ao motel, com a esposa de seu companheiro de trabalho. Os elementos lingüísticos, por si só, nada significam, não fosse o cenário.

A significação disso é possível, então, pelo cenário. Embora seja o sinal, o responsável, o que remete o leitor a uma significação de realce. Se para Maria Lúcia, ir ao apartamento sombrio era perigoso, para Marco Túlio, ir ao motel é que era muito mais.

Enquanto "O outro gume da faca" coloca desfilar três mulheres, destas trabalhei com o discurso de apenas duas, "A nudez da verdade" põe várias na passarela, porém focaliza Marinalva, a mulher com quem Proença "desnuda a verdade".

Antes de começar a analisar o discurso feminino dessa obra, apresentarei ao leitor uma síntese.

Telmo Proença se prepara para ir a um congresso, mas quando chega ao aeroporto não consegue lugar no vô e se junta a um grupo de amigos, no Sovaco da Cobra, em que está Marinalva, a quem é apresentado. Bebem, cantam, riem, até que vão encerrar a noite no apartamento de Marinalva. A festa se acaba, todos vão e

Proença fica. Acorda meio zozzo, sem saber onde está. Vai à cozinha fazer café, enquanto Marinalva cantarola no banheiro. Ela o avisa que o pão está no corredor, do lado de fora. Telmo estica-se para pegá-lo, e a porta, tocada pelo vento, fecha-se com uma pancada. Sobressaltado, aperta a campainha, chama Marinalva, baixinho e, nada. Uma moça e um senhor calvo passam pelo corredor e o vêem, em “trajes de Adão”. Daí em diante, corre pelas ruas, espantando os passantes. Antes, porém, de sair de casa, sua esposa, Carla, pergunta-lhe, num tom quase infantil: “Você...(...) Você jura que não se importa de ir sozinho?”

O material lingüístico da interrogação e o comportamento do marido (este evitou responder) sugerem certa mágoa, ou mesmo certo descontentamento de ambos. A esposa porque não gostaria de não acompanhar o marido, entretanto não tinha a menor vontade de ir. Proença porque não estava com a menor vontade de ir a congresso nenhum, principalmente de folclore.

O que se nota durante a tecitura de “A nudez da verdade” é a preocupação do ser humano ao expressar um pensamento, através de seus costumes e maneiras de agir. Inicialmente, é a mulher, Carla, que não quer magoar seu marido. Depois, este que prefere silenciar a dar uma resposta. Utiliza-se de outra linguagem, (o beijo) como resposta.

Aqui me lembra o diz Malinowski sobre o modo de pensar de uma sociedade. Segundo ele, o pensamento está relacionado com o que a sociedade faz. As palavras e as atitudes do indivíduo são surpreendentemente entrelaçadas, que não dá para separar o homem de suas credices – manifestações da palavra e de atitudes.

Claro que o contexto em que Malinowski opina sobre a linguagem é outro, são de feitiçarias e de rituais da comunidade “de melanésios”. Mas em ambas as situações a linguagem é um artifício, um instrumento para cumprirem as leis sociais, que são teorias, portanto palavras e pensamentos que se consubstanciam na prática de todas as ações do homem.

O discurso, “Esta é Marinalva, repara só: mulher de olho verde, coisa pra muito luxo!”, proferido por Eliseu, um amigo de Telmo Poença, apresentando a este Marinalva, no Sovaco da Cobra, depois de ter perdido o vôo. Ali, no Sovaco, conversaram e cantaram muito.

A observação que faz Eliseu sobre as qualidades físicas de Marinalva é uma demonstração típica de que os homens vêem as mulheres como algo. As que não tiverem olhos verdes, não forem mulatas não agradam aos olhos deles. Vêem-nas como se fossem esculturas. “Pra muito luxo!” pode ser lida como “não é para qualquer um”. De certa forma, carregada de preconceito. Quer dizer que as mulheres que não forem mulatas não são sinônimo de muito luxo.

Pode-se afirmar que é uma espécie de “erro lógico”. O que Frege, ao se reportar à linguagem simbólica da Análise Matemática, chama de imperfeição da linguagem, conhecida por nós como ambigüidade semântica. “Nos termos da Lógica, aponta-se a ambigüidade de expressões como uma fonte de erros lógicos” (p. 76). É mais ou menos isso que ocorre na fala do professor Telmo ao Eliseu: “Coisa fina” – falou estalando a língua. “Eu falo a moça, professor, não a cachaça”.

O referente “coisa fina”, naquele contexto, ficou ambíguo. É uma espécie de erro lógico. E isso me faz pensar na linguagem como representações e como intuições. Às vezes, uma representação evocada no ouvinte por uma palavra pode ser confundida com seu sentido ou com a sua referência. Parece-me que foi isso que aconteceu com o discurso anterior.

Embora não tenha sido meu propósito inicial, abordei o discurso masculino, agora, intencionalmente, por representar uma fala sobre as mulheres. Retomo a abordagem inicial.

Marinalva puxando o rosto de Telmo Proença com carinho lhe diz: "Você é professor de quê, meu bem?"

Nessa fala, a palavra assume uma posição particular e específica, torna-se uma sombra da realidade, um fragmento de uma dada realidade, no caso, o cenário e a situação do discurso. Um bar, amigos, bebidas. São normas sociais sendo experimentadas, de acordo com a consciência subjetiva de Marinalva. Enquanto locutora, ela serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas – Chamar a atenção do professor. ("Você é professor de quê?") Claro que ela levou em consideração o ponto de vista do receptor. Era a única mulher do grupo. Falavam sobre mulheres e casamento. Usou do poder das palavras para seduzir o professor, que, casualmente, estava decepcionado com a esposa que não quisera lhe acompanhar na viagem.

Já em casa, depois de sair do banho, Marinalva desliga o gás, volta para a sala: "Professor! Onde é que você está, meu bem?" "Onde é que você se meteu?" "Brincadeira tem hora" (Sabino, 1987, p. 35).

A compreensão que se tem desses enunciados identifica uma situação em que um dos interlocutores não está no ambiente do discurso. A mulher que passara a noite com Telmo, ele, praticamente um desconhecido, depois de um banho, sente a necessidade de confirmar o que está se passando. Percebe-se falando sozinha, num monólogo, não há reflexão lingüística. Há um eco da sua própria fala, não há alcance de um interlocutor. Não há interação verbal, pois o conteúdo interior não se apropria do conteúdo exterior. Parece complicado isso. Explico: o conteúdo interior deve mudar de aspecto e apropriar-se do conteúdo exterior. Não havendo reflexo, não há apropriação.

A confusão pode ser desfeita (ou não) com o que defende Bakhtin: *"A expressão comporta, portanto, duas facetas: o conteúdo (interior) e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo). Toda teoria de expressão, por mais refinadas e complexas que sejam as formas que ela pode assumir, deve levar em conta, inevitavelmente, essas duas facetas: todo o ato expressivo move-se entre elas"* (p. 111).

Em estando ausente um interlocutor, a expressão enunciativa ecoa e retorna ao próprio falante. O uso da linguagem é um meio de conscientização, um reflexo de relações sociais, é sinônimo de interação. É sinônimo de prestígio. O discurso de Marinalva, "Professor! Onde é que você está?" denota certa formalidade, representada pelo tratamento "professor" e por que não dizer demonstra seu desprestígio em relação ao seu interlocutor. O que é interessante, nessa passagem é que embora Marinalva tenha "transado" com Telmo, a intimidade não havia ultrapassado as barreiras da linguagem. Tinha sido pouco o tempo para se desfazerem formalidades.

As implicações sociais desse discurso ficam claras e me lembra Pritchard, (1993) que ao se reportar à linguagem do povo Nuer, diz que o idioma social desse povo é o idioma bovino. O volume e a variedade do vocabulário referente ao gado é impressionante.

E o que tem isso a ver com o que venho tratando? O idioma social estabelecido entre homens e mulheres, no caso Telmo e Marinalva, recém conhecidos, tem referências muito formais, o volume do vocabulário e das enunciações ainda é reduzido, não se estabeleceu com a intimidade da relação extra discurso. Os interlocutores estão, “ainda”, na fase inicial de um relacionamento. O que se nota é que a linguagem e o comportamento humano nem sempre comungam. A abordagem mentalista de Marinalva (“Professor”), é controversa com a sua atitude anterior. O que não ocorreria no discurso Nuer.

Percebo que o processo discursivo e a formação do discurso da personagem ressaltam fatores pragmáticos e psicológicos da língua, que se evidenciam na intenção, na situacionalidade e nos atos ilocucionais, cujas formas lingüísticas passam antes por um filtro, que analisa o antes e o depois de uma situação.

Interrompo a abordagem, com as seguintes palavras: a escolha das formas de linguagem pelas mulheres de Fernando Sabino acentua e consagra o que defende Bakhtin (p. 112) a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (...), a palavra variará dependendo da hierarquia social de seus interlocutores. A enunciação lingüística é uma estrutura sócio-ideológica.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M.. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1999.

COULTHARD, M.. **Linguagem e Sexo**. São Paulo, Ática, 1991.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado**. São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1987.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos na Nova Guiné Melanésia**. in Coleção: Os Pensadores São Paulo, Abril Cultural, 1978.

SABINO, F. **A nudez da verdade**. São Paulo, Ática, 1997.

_____. **O outro gume da faca**. São Paulo, Ática, 2000.

PRITCHARD, E. E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. in Coleção Estudos, São Paulo, Perspectiva, 1993.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Perdi toda chance de tocar a dor.
O que resta agora é paródia,
caricatura mal feita de tragédia
que fizemos por merecer.
Apenas palavras.*

CARLOS MOREIRA